

Aula 7

- produções abstratas
(concreta e lírica)
- embate tendências
figurativas e abstratas
São Paulo & RJ

Profa. Dra. Renata Dias Ferraretto Moura Rocco

Monitoria: Marina Barzon

JOSEF ALBERS
HOMENAGEM AO QUADRADO:
SIGNO RARO, 1967,
ÓLEO SOBRE AGLOMERADO DE
MADEIRA, 101,5 CM X 101,5 CM
AQUISIÇÃO MAC USP

Agenda

- 1ª parte da aula:
- Breve indicação de movimentos de tendência abstrata no contexto internacional;
- No caso brasileiro - SP & RJ: Debates entre figuração e abstração, e entre as próprias vertentes de abstração (concreta, neoconcreta, informal);
- 2ª parte da aula:
- Visita ao espaço expositivo – mostra “Visões da Arte”.

Referências:

- Anna Bella Geiger; Fernando Cocchiarella. *Abstracionismo: Geométrico e Informal. A vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- Maria de Fátima Morethy Couto. “Clement Greenberg. A arte de vanguarda e a teoria moderna”, *Revista Porto Alegre*, jul.-nov., 2004.

Abstração

“...este termo pode ser aplicado a qualquer arte que não represente objetos reconhecíveis [...], mas é normalmente usado para designar aquelas formas de arte do séc. XX que abandonaram a tradicional concepção europeia da arte como imitação da natureza.

Embora a moderna arte abstrata tenha se desenvolvido em vários “ismos” e movimentos diferentes, nela pontificam duas tendências básicas:

- 1) a redução das aparências naturais para formas radicalmente simplificadas [..]
- 2) a construção de objetos artísticos a partir de formas básicas não-figurativas [...]

É geralmente creditada a Kandinsky a produção da primeira pintura inteiramente não-figurativa por volta de 1910”

Definição extraída do Dicionário Oxford, p. 03

Abstração – contexto internacional

- RÚSSIA | HOLANDA – ANOS 1910
- ALEMANHA – BAUHAUS - 1919-1933
- ITÁLIA – ANOS 1930-40
- EUA – FINAL ANOS 1940-1950

Kandinsky - *Do
Espiritual na Arte* em
1911 – criações &
emprego das cores em
relação com a música,
formas e significado
interior

Wassily Kandinsky, *Primeira Aquarela Abstrata*, 1913,
aquarela, 50 x 65 cm. Centro George Pompidou

Hilma af Klint, *The Ten
Largest, No. 7, Adulthood*,
Group IV, 1907. Foto: Albin
Dahlström / Moderna Museet,
Estocolmo, Suécia

Hilma af Klint: Mundos possíveis



Kazimir Malevich

Black Square, 1915

State Tretyakov Gallery, Moscow

“Cada forma é livre e
individual. Cada
forma é um mundo”

Malevich, “Do Cubismo e
Futurismo ao Suprematismo”,
apud Primitivismo, Cubismo e
Abstração, Cosac Naify, 1993 (1^a
ed.), pp, 228-230.

EXPOSIÇÃO 0.10”, 1915, PETROGRADO (SÃO
PETERSBURGO). ARQUIVO MUSEU ESTATAL SÃO
PETERSBURGO.

Piet Mondrian, *Composition C*, 1920,
60,3 x 61 cm, Óleo sobre tela,
MoMA

Desfile St. Laurent, 2002, no Centro Pompidou, Paris

“A arte é universal

A obra de arte [...] não deve receber nada dos dados formais da natureza, nem da sensualidade, nem da sentimentalidade [...]

O quadro deve ser construído com elementos puramente plásticos, isto é, plano e cores. Um elemento pictórico só significa a ‘si próprio’ e conseqüentemente, o quadro não tem outra significação que ‘ele mesmo’ [...] a arte deve ser mecânica, quer dizer exata, anti-impressionista...”

(abr. 1930, trad. PAPE, 1980, p. 27)

Cat. Exp. *Cubismo e Arte Abstrata*, MoMA
NY, 1936, Alfred Barr

Abstração – contexto estadunidense

Jackson Pollock, *Number 1A*, 1948.
Óleo e esmalte sobre tela, 172.7 x 264.2 cm,
MoMA NY

Mark Rothko, *No. 3/No. 13*, 1949.
Óleo sobre tela, 216.5 x 164.8 cm,
MoMA NY

Jackson Pollock, 1950
(Foto: Hans Namuth)

Abstração – contexto estadunidense

Clement Greenberg

Pintura modernista, de 1960

“A essência do modernismo reside no uso de métodos de uma disciplina para criticar essa mesma disciplina não no intuito de subvertê-la, mas para entrincheirá-la mais firmemente em sua área de competência[...] o modernismo seguindo essa direção tornou a pintura mais consciente de si mesma [...] foi a ênfase conferida à planaridade inelutável da superfície que permaneceu [...] mais fundamental do que qualquer outra coisa para os processos pelos quais a arte pictórica criticou-se e definiu-se a si mesma no modernismo.”

Publicações - abstração

- 1911: Kandinsky – *Do Espiritual na Arte*
- 1915: Kazimir Malévitch – *Manifesto Suprematista*
- 1917: Piet Mondrian e Van Doesburg – lançam revista *De Stijl* – divulgação do neoplasticismo
- 1930: Theo van Doesburg - *Arte Concreta*
- 1936-38: Joaquín Torres-García - revista *Círculo y Cuadrado*
- 1937: Piet Mondrian – *Arte Plástica e Arte Plástica Pura* – arte figurativa e arte não figurativa
- 1938: Kandinsky - *A Arte Concreta* na revista *XXe Siècle*, em Paris
- 1942: Jean Bazaine – *Notas sobre a pintura de hoje*

[fonte: Abstracionismo Geométrico e Informal. Fernando
Cocchiarale e Anna Bella Geiger]

Wassily Kandinsky. *Composição Clara*, 1942

óleo sobre tela, 73 cm x 92,3 cm

Doação Francisco Matarazzo Sobrinho. MAC USP

Abstração – entre SP e RJ

- abstração - 20. Salão de Maio/ Regina Gomide Graz/ Calder no MASP 1950/ Artistas abstratos Art Club de Roma 1950 (Cordeiro) / Max Bill MASP 1951
- Do Figurativismo ao Abstracionismo, antigo MAM SP, mar. 1949
- 1a. Bienal de SP 1951
- Grupos Ruptura (SP) e Frente (RJ)
- Atelier Abstração anos 1950 - Flexor
- Concretos x Neoconcretos
- Pintura: Informal/ Tachista/ Gestual

fonte: Glória Ferreira, Brasil:
Figuração x Abstração no final
dos anos 1940, IAC 2013.

“...o que acho, porém vital é fugir do Abstracionismo. A obra de arte dos abstracionistas tipo Kandinsky, Klee, Mondrian, Arp, Calder é uma especialização estéril.

[...] uma arte que, deliberadamente, se afasta da realidade, que submete a criação e teorias de um subjetivismo cada vez mais hermético que leva o artista ao desespero de uma solidão irreparável, onde nenhum outro homem pode encontrar a sombra de um semelhante pois é uma arte humanamente inconsequente...”

Di Cavalcanti, “Realismo e Abstracionismo”, Boletim SATMA, RJ, no. 23,
1949, p. 47.

FOTO DO PINTOR EMILIANO DI CAVALCANTI AO
LADO DE ALGUMAS DE SUAS OBRAS DE ARTE, EM
1972 FOTO: ANTONIO LÚCIO / ESTADÃO

Max Bill, *Unidade Tripartida*, 1948-1949

aço inoxidável, 113,5 x 83 x 100 cm

Doação Museu de Arte Moderna de São Paulo

Prêmio Regulamentar Escultura Estrangeira (Federação das Indústrias)
I Bienal de São Paulo, 1951. MAC USP

Ivan Serpa. *Formas*, 1951
óleo sobre tela, 97 cm x 130,2 cm
Doação Museu de Arte Moderna de São
Paulo- I Bienal de São Paulo, 1951
MAC USP

Waldemar Cordeiro, *Movimento*, 1951
têmpera sobre tela, 90,1 cm x 95,3 cm
MAC USP

“[...] A história deu um salto qualitativo. Não há mais continuidade!

Os que criam formas novas de princípios velhos.

Então nos distinguimos os que criam formas novas de princípios novos.

. [...] afirmamos

É o velho: todas as variedades e hibridações do naturalismo; a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo ‘errado’ das crianças, dos loucos, dos ‘primitivos’ dos expressionistas, dos surrealistas, etc; o não-figurativismo hedonista [...] que busca mera excitação do prazer ou do desprazer.

É o novo: as expressões baseadas nos novos princípios artísticos; todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento e matérias); a intuição artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático; conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a como um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para o seu juízo conhecimento prévio. [...]"

Waldemar Cordeiro | Anatol Wladyslaw | Leopoldo Haar |
Lothar Charoux | Féjer | Geraldo de Barros | Luiz Sacilotto
Manifesto Ruptura, 1952

Cícero Dias. *Abstração*, 1951
óleo sobre aglomerado de madeira, 81 x 116 cm
MAC USP

Cícero Dias. *Sem título*, 1951, óleo
sobre tela, 80,5 x 53,4 cm, MAC USP

I Exposição Nacional de Arte Concreta (1956 MAM SP | 1957 Ministério da Educação e Cultura)

Lygia Pape na *Exposição Nacional de Arte Concreta*, ao lado de uma gravura da série *Tecelares*, 1956

Foto publicada na Revista O Cruzeiro.

Vista da Exposição
com artistas dos dois grupos

“Seus membros [do grupo Frente] são todos jovens. E as adesões com que têm crescido têm sido invariavelmente de personalidades ainda jovens. Isso quer dizer que o grupo está aberto... Para o futuro, para as gerações em formação. Mais promissor ainda é o fato de o grupo não ser uma panelinha fechada, nem muito menos uma academia onde se ensinam e se aprendem regrinhas e receitas para fazer Abstracionismo, Concretismo, Expressionismo, Futurismo, Cubismo [...] e outros ismos. ...”

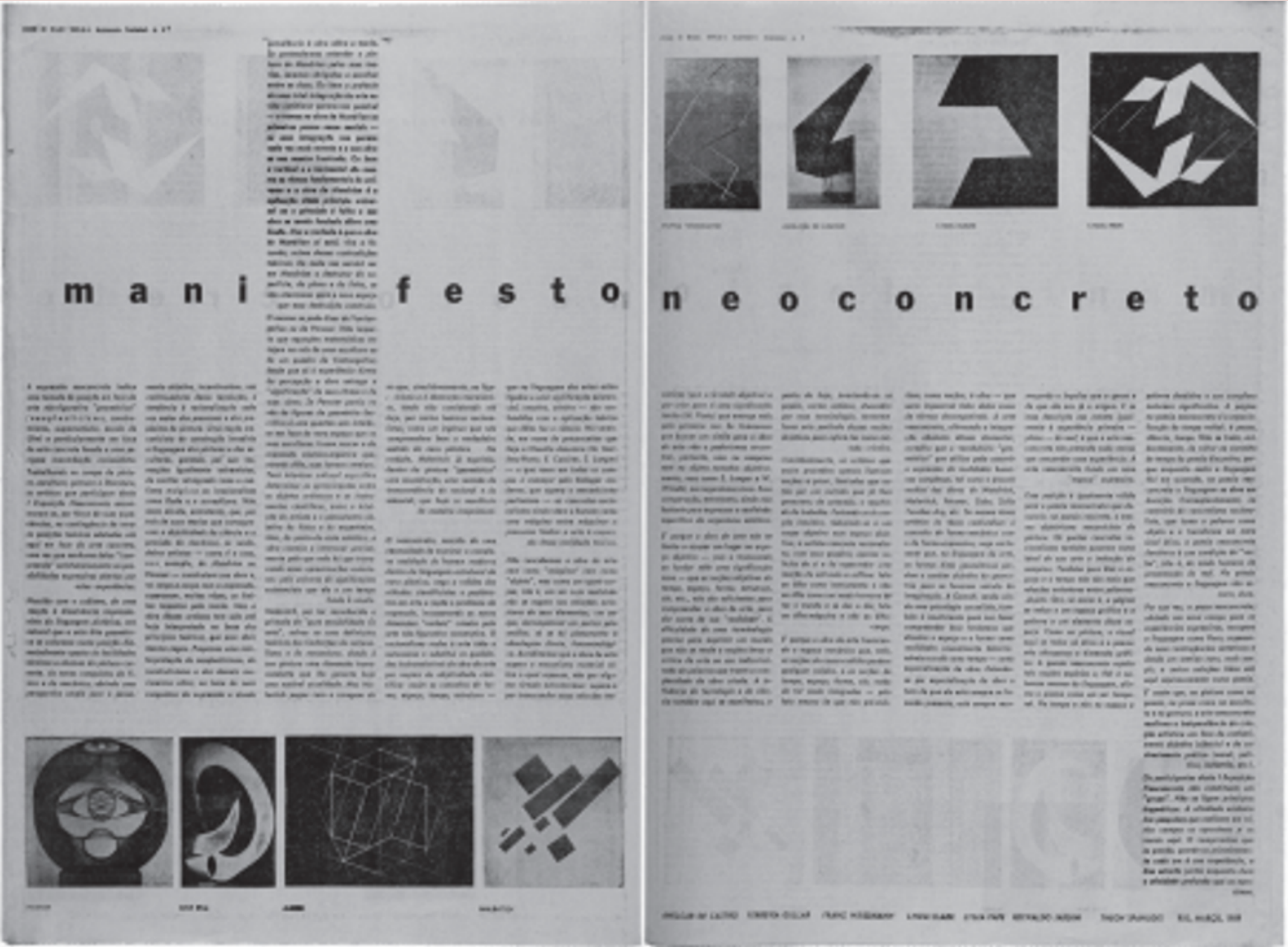
Mario Pedrosa, “Grupo Frente”, 1955

Grupo Frente, em 1956. A partir da esquerda: Oliveira Bastos, Hélio Oiticica (encoberto), Ferreira Gullar, Teresa Aragão, Bezerra, Mario Pedrosa, Lygia Clark, Vera Pedrosa, Ivan Serpa (atrás), Lea e Abraham Palatnik.

“A expressão neoconcreto indica uma tomada de posição em face da arte não-figurativa ‘geométrica’ (neoplasticismo, construtivismo, suprematismo, escola de Ulm) e particularmente em face da arte concreta levada a uma perigosa exacerbação racionalista. [...]

O neoconcreto, nascido de uma necessidade de exprimir a complexa realidade do homem moderno dentro da linguagem estrutural da nova plástica, nega a validade das atitudes cientificistas e positivistas em arte e repõe o problema da expressão, incorporando as novas dimensões ‘verbais’ criadas pela arte não figurativa construtiva. O racionalismo rouba à arte toda a autonomia...”

Manifesto Neoconcreto, Jornal do Brasil, RJ, 23/03/1959



Lygia Pape

Livro da criação, 1959

têmpera sobre cartão Schöeller, 30 x 30 cm

16 unidades

Lygia Clark

Casulo no. 2, 1959

30 × 30 × 11 cm, Nitrato de celulose em folha de metal

MoMA

“Trata-se de uma linguagem figurativa
que teima em não dizer a figura, que
teima em dizer que não diz a figura – e
que assim, continuou a se referir a ela.
Em suma, o conteúdo dessa pintura
tachista é uma reação – não à arte
concreta como se pretende – mas à
arte figurativa”

Yolanda Mohalyi. *Sem título*, 1963
óleo sobre tela, 150 cm x 170 cm
Espólio Yolanda Mohalyi, MAC USP

Ferreira Gullar, “Duas faces do tachismo”, 1957

”Um jovem artista japonês desconhecido, Manabu Mabe, é o vitorioso. Mal chegado do interior de São Paulo, onde fazia seu estágio obrigatório de imigrante, Mabe ganha instantânea notoriedade. De gosto inefavelmente japonês, as manchas de Mabe têm um poder emocional de fácil comunicabilidade, e com elas inaugura-se em definitivo a voga tachista no Brasil (...) e a geometria é, ao mesmo tempo, repelida com ódio”.

PEDROSA, Mario. ”A Bienal de cá para lá” (1970). In MAMMI, Lorenzo (org.). Arte – Ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p.268

Manabu Mabe, Sayonara, 1958, óleo sobre tela, 110.00 cm x 130.00 cm, Coleção Gilberto Chateaubriand - MAM RJ

Carnaval, 1951

1961

Obras expostas na mostra Flexor no MAM SP, 2022

Bípede, 1967

Obra exposta na mostra Flexor no MAM SP, 2022

Cronologia – exposições SP e RJ | abstração

- 1938 e 1939: 2ª e 3ª Salões de Maio em SP
- 1945: II exposição arte Francesa em SP
- 1947: Inauguração galeria Domus SP
- 1948: Exposição Calder no MASP
- 1949: Exposição inaugural do MAM de São Paulo, “Do Figurativismo ao Abstracionismo”
- 1950: Exposição do Art Club de Roma no MAM SP
- 1950: conferências do crítico argentino Jorge Romero Brest no MASP sobre abstração
- 1951: I Bienal de São Paulo – Prêmio de escultura: “Unidade Tripartida” de Max Bill
- 1952: Exposição de Arte Concreta no MAM de São Paulo: Manifesto Ruptura
- 1953: I exposição Nacional de arte abstrata no Hotel Quitandinha em Petrópolis
- 1956-57: I Exposição Nacional de Arte Concreta (MAM SP | Ministério da Educação e Cultura)
- 1959: Manifesto Neoconcreto e Exposição de Arte neoconcreta no MAM RJ

[fonte: Abstracionismo Geométrico e Informal. Fernando Cocchiarale e Anna Bella Geiger]